

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Coordenadora do curso de Pós-Graduação *lato sensu* Gestão de Processos Comunicacionais.

DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO: RESSIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA¹

Cada época vivida pela humanidade tem características próprias, apresentando, dialeticamente, aspectos positivos e negativos.

As distinções entre as épocas podem ser marcadas, entre outros aspectos, pela formação e expansão dos mercados, que determinam pólos de concentração, baseados na busca permanente de acumulação do capital. Octávio Ianni, em *As economias-mundo*, aponta as diversidades e desigualdades com as quais cada totalidade se constitui. Segundo o autor, cada época “é um todo em movimento, heterogêneo, integrado, tenso e antagônico. É sempre problemático, atravessado pelos movimentos de integração e fragmentação. Suas partes, compreendendo nações e nacionalidades, grupos e classes sociais, movimentos sociais e partidos políticos, conjugam-se de modo desigual, articulado e tenso, no âmbito do todo. Simultaneamente, esse todo confere outros e novos significados e movimentos às partes. Anulam-se e multiplicam-se os espaços e os tempos, já que se trata de uma totalidade heterogênea, contraditória, viva, em movimento”².

Fredric Jameson aponta três períodos de expansão capitalista, caracterizados por rupturas “tecnológicas”. Segundo ele, “houve três momentos fundamentais no capitalismo, cada um marcando uma expansão dialética com relação ao estágio anterior. O capitalismo de mercado, o estágio do monopólio ou do imperialismo, e o nosso, erroneamente chamado de pós-industrial, mas que poderia ser mais bem designado como o do capital multinacional. (...) Esse capitalismo tardio, ou multinacional, ou de consumo, longe de ser inconsistente com a grande análise do século XIX de Marx,

1. As reflexões contidas neste artigo têm estado presentes nos vários números da revista *Comunicação & Educação*.

2. IANNI, Octávio. *As economias-mundo*. In: **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 43.

constitui, ao contrário, a mais pura forma de capital que jamais existiu, uma prodigiosa expansão do capital que atinge áreas até então fora do mercado”. Nessa fase, segundo o autor, deve-se ressaltar, a “ascensão das mídias e da indústria da propaganda”³.

Resultado da fase contemporânea do capital, a cultura manifesta fragmentação e globalização num processo de complementação que se dá no âmbito do mercado. Como lembra Martín-Barbero⁴, o global é o espaço novo produzido pelo mercado e pelas tecnologias, que dependem dele para sua permanente expansão.

O mundo, que sempre esteve em permanente mudança, hoje tem altamente multiplicada a rapidez dessas mudanças, devido ao avanço das tecnologias. É esse o cenário que possibilita o fortalecimento das corporações internacionais e conseqüente ruptura das fronteiras nacionais, atingindo “áreas até então fora do mercado”.

Essa realidade tem como sustentáculo os meios de comunicação, mediadores privilegiados entre nós e o mundo, e que cumprem o papel de *costurar* as diferentes realidades. São os meios de comunicação que divulgam, em escala mundial, informações (fragmentadas) hoje tomadas como conhecimento, construindo, desse modo, o mundo que conhecemos. Trata-se, na verdade, do processo metonímico – a parte escolhida para ser divulgada, para ser conhecida, vale pelo todo. É como se “o mundo todo” fosse constituído apenas por aqueles fatos/ notícias que chegam até nós.

Consideramos, porém, que informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. Mas o conhecimento implica crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação.

Todos temos observado que essa troca indevida do conhecimento pela informação tem resultado numa diminuição da criticidade.

O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um *dado*, possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer à superfície o que ainda é virtual, o que, na sociedade, está ainda mal desenhado, com contornos borrados. Para tanto, o conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, dentro das possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo. Para tanto, podemos perceber, as informações – fragmentadas – não são suficientes.

3. JAMESON, Fredric. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. In: **Pós-modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Velasco. São Paulo: Ática, 1996. p. 61.

4. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *La comunicación plural: alteridad y socialidad*. **Diá-logos**. Lima, n. 40, set. de 1994. p.73-79.

Os meios de comunicação, sobretudo a televisão, ao produzirem essas informações, transformam em verdadeiros espetáculos os acontecimentos selecionados para se tornarem notícias. Já na década de 60, Guy Debord percebia “na vida contemporânea uma ‘sociedade de espetáculo’, em que a forma mais desenvolvida de mercadoria era antes a imagem do que o produto material concreto”, e que, “na segunda metade do século XX, a imagem substituiria a estrada de ferro e o automóvel como força motriz da economia”⁵.

Por sua condição de “espetáculo”, parece que o mais importante na informação passa a ser aquilo que ela tem de atração, de entretenimento.

A informação, que parece ocupar o lugar desse conhecimento, tornou-se, ela própria, a base para a reprodução do sistema, uma mercadoria a mais em circulação nessa totalidade. A confusão entre conhecimento e informação, entre totalidade e fragmentação leva à concepção de que a informação veiculada pelos meios é suficiente para a formação do cidadão. Na verdade, o conhecimento continua a ser condição indispensável para a crítica.

RESSIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA: CIRCULAÇÃO DA IDEOLOGIA

A presença, em maior ou menor intensidade, da tecnologia na sociedade, particularmente na escola, é constatável. Dados recentes indicam que existem hoje sete milhões de usuários da Internet em toda a América Latina, dos quais quatro milhões no Brasil. Previu-se que seriam 34 milhões no final de ano 2000⁶. Além disso, é preciso lembrar, entre outros, as grandes redes internacionais de televisão, o alcance do rádio, a velocidade da divulgação das informações selecionadas pelas agências internacionais de notícias. Tudo isso pede uma reflexão sobre as representações, a ideologia, os valores, que circulam na rede e influenciam os novos sujeitos que resultam dessa realidade e que trabalham, em conjunto, na instituição escolar, sejam professores, alunos, funcionários, pais e outros interessados. Todos eles se congregam em torno de objetivos comuns. São todos participantes de uma dada realidade social, caracterizada por uma ideologia. “A ideologia é uma das formas de práxis social: aquela que, partindo da experiência imediata dos dados da vida social, constrói abstratamente um sistema de idéias ou representações sobre a realidade”⁷.

5. *Apud* CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**. Introdução às teorias do contemporâneo. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992. p.48.

6. [Http://www.affaritaliani.it/magazine_home.htm](http://www.affaritaliani.it/magazine_home.htm) Diz a nota que, por isso, “as atenções se voltam para Starmedia Network, sociedade brasileira que oferece serviços *online* em espanhol e português”.

7. CHAUI, Marilena de S. **O que é ideologia**. 13ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 106.

A sociedade que forma nossos alunos e nos forma produz as representações, as formas simbólicas pelas quais se rege, que se transformam em bens simbólicos no processo de circulação, o que se dá de acordo com as características da formação socioeconômica de cada país. As formas simbólicas são próprias do ser humano: a língua, criação que facultou ao homem projetar, é um bom exemplo.

Mas o que caracteriza a contemporaneidade não é a circulação de bens simbólicos, é a mediação, resultado da tecnologia, que se interpôs nessa circulação: os meios de comunicação, os quais permitem a formação de redes planetárias, nas quais circulam valores, que atendem a interesses determinados. Esse é um dos aspectos da ideologia.

Segundo Chauí, “a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como as de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação ou o Estado”⁸.

No momento em que se fala tanto da ressignificação do papel da escola e do professor, a partir da intervenção da tecnologia, é fundamental nos aproximarmos das questões referentes à ideologia que circula nos meios de comunicação, nas redes planetárias e, verificando essa circulação, procurar saber como a ideologia opera nessa realidade.

IDEOLOGIA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Ao tratar de ideologia, não podemos prescindir de buscar o *lugar social da produção* das formas simbólicas que circulam nas redes, o *lugar social dos receptores* dessas formas e as *formações sociais* nas quais ambos se encontram.

Segundo Thompson, “o conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – que eu chamarei de ‘relações de dominação’. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é *sentido a serviço do poder*. Conseqüentemente, o estudo da ideologia exige que investiguemos as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas lingüísticas cotidianas até às imagens e aos textos complexos”⁹.

8. CHAUI, Marilena de S. **O que é ideologia**. *op. cit.* p. 113-114.

9. THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 16.

A construção do sentido das formas simbólicas está diretamente relacionada à formação socioeconômica. E é só aí que podemos verificar em que direção elas estão, predominantemente, sendo usadas: se na manutenção do *status quo*, servindo apenas para perpetuar as relações de poder, se na sua modificação, trilhando o caminho da mudança dessas relações de poder. Afinal, diz Thompson, “as formas simbólicas, ou sistemas simbólicos, não são ideológicos em si mesmos: se eles são ideológicos, e o quanto são ideológicos, depende das maneiras como eles são usados e *entendidos* em contextos sociais específicos”¹⁰.

Neste momento em que o mundo está desfraldado em um número enorme de tempos históricos e culturais, neste momento em que as produções, sobretudo no âmbito da televisão, viajam pelo mundo e atingem a praticamente todas as sociedades nesses tempos/espacos díspares, muitas vezes em tempo real, pode-se perceber a divulgação, sob forma prescritiva, desse conjunto de idéias e valores, de normas ou de regras, que procuram dar suas próprias explicações para as diferenças sociais, políticas e culturais, objetivando o apagamento dessas diferenças, como lembra Chauí. Manter, por exemplo, uma emissora de televisão no ar durante algumas horas do dia, e mais ainda quando se trata de uma grade de programação para 24 horas, é tarefa hercúlea que exige um trânsito muito grande de produções, o que aponta para a permanência desse procedimento.

Não se nega que há diversidade no pólo da produção e que é mais extensa ainda a diversidade do entendimento, da interpretação da recepção dessas representações.

Cabe à Escola – e aí um dos aspectos da ressignificação de seu papel – desvelar como opera a ideologia, ensinar a ler adequadamente as formas simbólicas que circulam na mídia, conformando a realidade.

IDEOLOGIA E COTIDIANO

É no cotidiano que se jogam as modificações ou manutenção da ideologia construída. É no cotidiano, onde as atitudes, os fazeres se dão num clima de relaxamento maior, que se torna mais fácil o jogo de influências. Como lembra Agnes Heller, na vida cotidiana o homem coloca “‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”. E exatamente por isso “nenhuma delas pode realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade”¹¹.

10. THOMPSON, *op. cit.* p. 17. O grifo é nosso. Parece-nos importante destacar a importância do “entendimento”, da interpretação, da recepção.

11. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 17 e segtes.

Por isso, as manifestações de poder que mais atingem as pessoas são aquelas que regem as atividades cotidianas. Na produção dos meios de comunicação, em qualquer gênero, utiliza-se sobremaneira do cotidiano.

Nesse cotidiano, que inclui o trabalho e a vida privada, o lazer, a vida social organizada e o intercâmbio, o sujeito amadurece. Esse processo de amadurecimento passa por grupos (família, escola). São esses grupos que estabelecem a *mediação* entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética da sociedade. Ressalta-se, desse modo, o papel da escola, grupo privilegiado de mediação. Mas, lembra Agnes Heller, “o homem não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladas ganham ‘valor’, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de *mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente*”¹².

À Escola compete, portanto, capacitar o aluno para não apenas “mover-se na sociedade”, seguindo “o que e como deve sentir e fazer”, mas, sobretudo, ter condições de mover, de modificar esse mesmo ambiente, o que só pode acontecer a partir da ressignificação dos sentidos, da reconstrução das “normas e regras” prescritas.

ARTIGOS NACIONAIS

“É no âmbito do Globalismo que se institui, em forma nova, evidente e surpreendente, o significado da história mundial. São tantos e tais os vínculos, as acomodações, as tensões e as fragmentações que se desenvolvem em escala mundial que já se pode falar em formação de uma sociedade civil mundial; em primórdios de um real cosmopolitismo das coisas, gentes e idéias; na constituição do Globalismo como um novo e surpreendente palco da história, em termos de modo de ser e mentalidades, formas de sociabilidade e de pensamento, jogos de forças sociais e lutas de classes, guerras e revoluções; em novas modalidades de espaço e tempo; em um novo paradigma das ciências sociais, a filosofia e as artes”. Assim diz Octavio Ianni, em seu artigo *Futuros e utopias da Modernidade*, chamando a atenção sobre a sociedade na qual se movem e se moverão nossos alunos.

Maria da Graça Jacintho Setton, em *Indústria Cultural: Bourdieu e a teoria clássica*, trata do fenômeno midiático, inter-relacionando Adorno/Horkheimer, Morin e Bourdieu. Essa realidade editada na qual vivemos e com a qual construímos nossa

12. HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. *Op. cit.* p. 19.

visão de mundo, a divulgação de informações em detrimento do conhecimento têm no telejornalismo um de seus arautos. Diz a autora: “No caso específico do telejornalismo, o ato de emitir uma mensagem, acompanhada pela transmissão pública de imagens, recobre-se de uma aura divina, quase mágica, tem o poder de fazer existir aquilo que anuncia. O campo jornalístico tem o monopólio da produção da informação, detém o poder de *criar* fatos, *dar existência* e *realizar* seu discurso, impondo-o a todos”.

A abordagem dos produtos de comunicação, com destaque para *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, a partir da percepção deles como dispositivo pedagógico, respaldando-se, entre outras, na contribuição da psicanálise, é o eixo do artigo *Ética e estética da programação infanto-juvenil*, de Cláudio Cardoso de Paiva. Ele chama a atenção para “as imagens arquetípicas que persistem no imaginário coletivo como um meio de orientação, também para a vida adulta. Podemos encontrar a epifanização destas figuras no contexto das imagens, sons e letras que constituem o *campo das mídias*, seja na literatura, no cinema ou na televisão”.

Roberto Elísio dos Santos traz sua colaboração no artigo *Aplicações da História em Quadrinhos*. Discutindo esse gênero a partir de vários enfoques, o autor chama a atenção para a importância das HQs para o incentivo do hábito de leitura, para o seu papel positivo nos livros didáticos, com destaque para o aprendizado de línguas estrangeiras, entre outras aplicações. Segundo o autor, é indispensável que “educadores e pais percam o preconceito ainda existente em relação aos quadrinhos e passem a considerar este meio de expressão artística como forte aliado na formação de jovens, especificamente, e do povo em geral”.

Um professor de Matemática na ECA é a colaboração de Osvaldo Sangiorgi. O texto, resultado de seu discurso na cerimônia em que foi agraciado com o título de Professor Emérito, é um verdadeiro hino de louvor ao professor, nesses tempos de tecnologias. “É necessário não se descuidar da formação integral e humanística do jovem estudante que pretende profissionalizar-se e que seja competente em sua especialidade, bem como atuante na sociedade em que vive. [E isso só acontece na interação professor-aluno.] Caso contrário, prevalecerá um pseudo-relacionamento usual do tipo *empresa.com* que, certamente, o encaminhará para uma *deseducação* virtual”.

ARTIGOS INTERNACIONAIS

As mudanças ocorridas em Portugal, a partir de 1986, quando de sua entrada para a União Européia, são notáveis. O artigo *Comunicação: identidade e identidades em Portugal*, de Isabel Ferin Cunha, aponta essas mudanças, destacando o que acontece no campo da comunicação. “O desenvolvimento da Comunicação global e dos processos de mediatização – nomeadamente da televisão concorrencial aliada à publicidade – fomentaram tensões entre a esfera pública e a esfera privada, entre o indivíduo e a sociedade, propondo um *novo* indivíduo e novas subjetividades”, diz a autora.

ENTREVISTA

Mário Lago, homem de rádio e de televisão, compositor (quem não canta “Ai, que saudade da Amélia”), homem de teatro, e, acima de tudo, cidadão de seu tempo, comprometido com uma sociedade mais justa e igualitária, é o entrevistado deste número. Em *Um artista de verdade*, entrevista realizada por Roseli Fígaro, ele conta passagens de sua vida.

CRÍTICA

Cabrião: humor e paródia política, de Elias Thomé Saliba, fala do semanário humorístico publicado em São Paulo, nos anos de 1866 e 1867, que teve em Ângelo Agostini, nosso primeiro chargista, seu expoente. Trata da publicação de livro que traz, em *fac simile*, as edições desse jornal.

DEPOIMENTO

Atualmente diretora do programa *Caminhos e parcerias*, da TV Cultura, Neide Duarte, repórter, conta, em *Caminhos de uma repórter*, como acabou por fazer a opção pelo jornalismo e discute, com a propriedade de quem pratica, as relações entre o texto verbal e o visual, mostrando que o aforismo “uma imagem vale por mil palavras” não se revela adequado na maioria dos casos. Mostra, ainda, a necessidade de o profissional de comunicação construir suas próprias brechas, por onde deve fazer passar a voz dos que são normalmente condenados ao silêncio.

EXPERIÊNCIA

Proposta de leitura e escrita de melodias, de Ana Cristina Fricke Matte, conta a experiência da autora em aulas de iniciação musical destinadas a crianças de quatro a sete anos. Maria Fernanda Venturini Santa Lúcia e Sumaia Barizon Peres Bertini, que trabalham na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Izaura da Silva Vieira, em Itapira, São Paulo, relatam sua experiência com a elaboração e operacionalização do projeto *Construindo o saber, conscientes do fazer*, que se constituiu na proposta pedagógica da escola. É o que você vai ler em *Uma escola com projeto pedagógico*.

POESIA

Raquel Naveira, natural de Campo Grande, poeta, professora de Literatura Latina, traz para os leitores a beleza dos versos de seus poemas: *Habitado*, *Junco* e *Cepas*,

todos do livro *Casa de Tecla*. Vale a pena passear pela sonoridade das palavras com as quais tão bem Raquel Naveira constrói sua poesia.

SERVIÇOS

Milú Vilella, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, conta-nos em *Por que o MAM deu certo* como a preocupação em levar a arte para grande parcela do público orientou todo o trabalho de reestruturação do Museu, a partir de 1997, quando adotou uma gestão profissionalizada.

VIDEOGRAFIA

Em *Escrita como tema de pesquisa* Maria Ignês Carlos Magno propõe projetos a partir dos filmes: *Ninguém escreve ao coronel*, *Central do Brasil* e *Trem da vida*. A pesquisa e a reflexão sobre a escrita e os processos complexos de simbolização, memória e leitura que ela proporciona são a matéria-prima do trabalho, boa oportunidade para se escapar da naturalização e padronização com que muitas vezes tratamos o ato de escrever.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Bibliografia sobre telenovela brasileira traz resenhas de algumas teses defendidas sobre o tema no país. *Bibliografia sobre Comunicação e Educação* tem um amplo leque de publicações que contribuem para a compreensão ampla da inter-relação proposta pelo binômio. *Endereços úteis na Internet* faz um breve levantamento de importantes endereços de sítios que oferecem um conteúdo de elevada qualidade para que as pesquisas sejam bem proveitosas.

ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Ruth Ribas Itacarambi propõe projetos pedagógicos para serem realizados em sala de aula, com alunos do ensino fundamental e médio, a partir dos artigos deste número de *Comunicação & Educação*. É um instrumental valioso para que os professores desenvolvam atividades criativas com seus alunos.

Resumo: A autora trata do processo de aquisição do conhecimento como capacidade de seleção crítica das informações que circulam na sociedade. Destaca o contexto da sociedade globalizada pela lógica do capitalismo tardio e multinacional, que aprofunda ainda mais as desigualdades socioeconômicas dos povos dos diferentes países e tem na ideologia sua aliada para transformar um ponto de vista particular em regra geral para toda a sociedade. Ressalta o papel dos meios de comunicação como mediadores entre o homem e a realidade e, mais uma vez, a importância da capacidade de selecionar com olhar crítico o que eles nos transmitem como real, já que o espetáculo e a padronização são lógicas mercantis importantes para a circulação dos bens culturais na sociedade capitalista. A escola apresenta-se como a instituição que, ressignificada, pode desempenhar um papel fundamental na formação das novas gerações para a transformação e formação de cidadãos capazes de desvelar as ideologias que circulam nos meios de comunicação.

Palavras-chave: informação, conhecimento, ideologia, escola, mediação

(From information to knowledge: giving new meaning to school)

Abstract: The author deals with the knowledge acquisition process as a capacity to select, critically, the information that circulates in the society, and highlights the context of the society globalized by the logic of the tardy and multinational capitalism, one that deepens the socioeconomic inequalities there are between people from different culture even more and which has ideology as an ally in order to transform a particular point-of-view into a rule for the entire society. The author also emphasizes the role the media has as a mediator between man and reality and, once again, the importance of selecting, with a critical look, what it is they transform into reality, since spectacle and standardization are important parts of the mercantile logic in order to circulate cultural goods in the capitalistic society. School is presented as an institution, which, after receiving a new meaning, can have a fundamental role in forming new generations for the transformation and creation of citizens who are capable of unveiling the ideologies that circulate in the media.

Key words: Information, knowledge, ideology, school, mediation